

GIL, JOSÉ. *DIFERENÇA E NEGAÇÃO NA POESIA DE FERNANDO PESSOA*. Lisboa. Editora Relógio d'Água, 1999.

Trata-se de uma aproximação filosófica à poesia de Fernando Pessoa. Essa observação é importante para que o leitor possa avaliar ao mesmo tempo não só as dificuldades com que se defrontará na leitura desse livro, como também a natureza dos problemas que o autor levanta para a confirmação de sua tese. Tais problemas irão, com certeza, tirá-lo, saudavelmente dos campos tradicionais em que se têm colocado as discussões sobre a obra do grande poeta, tais como sua estética, seu caráter múltiplo, o seu papel inovador, as motivações psicológicas de seu processo criador, etc.

Não é difícil, logo às primeiras páginas, perceber que o filósofo continua fortemente atraído pelas questões suscitadas pelo tema das sensações em Fernando Pessoa, isto é, pelo mesmo campo de questões que o levou há dez anos a escrever seu conhecido livro *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações* (Lisboa, Relógio d'Água . s/d) Mas, sem dúvida nenhuma, sua análise atual denuncia uma alteração de perspectiva em relação ao momento precedente de sua reflexão. Embora tenha razão Eduardo Prado Coelho em afirmar que não se trata de uma simples extensão de seus trabalhos anteriores (v. Público. Lisboa 4/9199) acredito, no entanto, que a melhor forma de fazer ressaltar as idéias do presente livro é colocá-lo em confronto com a trajetória e as conclusões do autor na sua primeira grande incursão pessoana.

Começemos, portanto, por retomar sucintamente o primeiro livro. Atento ao significado e às conseqüências do que Pessoa denominou "sensações", José Gil toma como ponto de partida alguns textos atribuídos a Bernardo Soares (a referência é a edição do *Livro do Desassossego* de 1982) A razão para tanto está no fato de que, segundo o autor, o *Livro do Desassossego* é a realização dos estados experienciais os quais dariam base à própria "análise das sensações" (a atitude fundante em Bernardo Soares). Nesse sentido, este seria um heterônimo nuclear, enquanto experimentador do devir dos outros: "o desassossego é o movimento que prepara e conduz ao devir outro", diz José Gil (*Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*. pag. 25)

Para aprofundar essa hipótese que a leitura do *Livro do Desassossego* parece autorizar, José Gil põe em discussão alguns textos teóricos de Pessoa sobre o sensacionismo. O interesse do autor é o de conferir ou descobrir nas especulações pessoanas algo que dê consistência teórica ao estado experimental (ou experiencial) gerador do desassossego e, conseqüentemente, da experiencição do devir outro que, dispondo-se à heteronímia, transporta, no caso de Pessoa, para o território da arte aquilo que na origem se poderia ter-se perdido no terreno da banalidade. José Gil aponta aí a importância do que a reflexão pessoana chama de “*abstração as sensações*”, processo que vem da consciência (meio “filtrante”, ou redutor do sensível) Cite-se aqui a seguinte passagem: “*a sensação se torna abstrata ao esculpir-se de encontro à consciência (ela o faz) começando por transformar esta em meio sensível*” (Idem. Pag. 35) o que significa uma forma de realocação da função da consciência que de meio filtrante passa (paradoxalmente) a meio sensível. A transformação da sensação em arte só será possível dentro de e em decorrência desse processo já que a arte tem como fim a organização das sensações em abstrato. O que resulta numa tentativa de criar uma realidade diferente daquela que as sensações aparentemente nos sugerem. Assim, o escrever poemas (criação de arte) será (ou terá como raiz) um processo de análise de sensações.

Dessa especulação que liga o ato de análise das sensações com a criação poética, perceptível em momentos vários das manifestações de Bernardo Soares, José Gil chega ao que denomina centralmente de metafísica das sensações. Neste ponto, confirmando uma tendência já perceptível na reflexão precedente, José Gil desloca-se de Bernardo Soares para Álvaro de Campos. Mas em que consistiria aquela metafísica em Pessoa? Para desvendá-lo, José Gil trabalha com dois textos suplementares: o primeiro, “A Nova Poesia Portuguesa no seu Aspecto Psicológico”, de autoria do próprio ortônimo (1912), e o segundo, de 1924 (“O que é a Metafísica”, assinado por Álvaro de Campos). Retomando a noção utilizada pelo ortônimo no primeiro ensaio, José Gil salienta, segundo o próprio Pessoa, tratar-se essa ideação de um meio de análise das sensações que permite pensar ou intelectualizar uma emoção, refletindo sobre si a própria consciência da sensação e tomar sensível a idéia, traduzindo o objeto na emoção que sua imagem suscita “*O alargamento do espaço da sensação decorreria desse processo*” (Idem.pag. 96), aumentando a distância entre as duas faces da sensação (objetiva e subjetiva). E essa distância corresponde ela própria a uma emoção particular, a sensação do mistério que Pessoa em 1912 qualifica com “*emoção metafísica*”. A essa espécie de exegese do texto pessoano, José Gil junta a análise do segundo ensaio Álvaro no qual Campos afirma que a Metafísica toma-se atividade da Arte, quando já não procura conhecer mas sentir. Acredito que seja um sentir particular já que o autor cita

um trecho de Álvaro de Campos em que este diz “*Ora o abstrato e o absoluto podem ser sentidos, e não ópensados, pela simples razão de que ti.., dopode ser e é sentido.*” (Idem.pag 97) Nesse segundo momento da reflexão pessoana o sentimento do Além que é tematizado num primeiro plano por Pessoa em 1912, subordina-se à emoção do abstrato que é mesmo a essência do sentimento metafísico. Um poema suscita emoções metafísicas quando cria uma distância entre os dois elementos da sensação fazendo corresponder a ela o sentimento do mistério que está na base da metafísica como emoção (que, por sua vez, tem como base a sensação abstrata...). Esse mistério depende da maneira de produzir a distância que lhe corresponde e que combinará um procedimento filosófico e um literário. Este acha-se claramente inscrito na análise das sensações e corresponde ao desdobramento da face sentida e da face pensada cuja distância ou se enfrenta desfazendo-a ou é mantida (ou agudizada) gerando a “poesia metafísica”. Esta liga-se, portanto, aos estados experienciais intervalares, base da análise das sensações. José Gil parece ter chegado aqui ao ponto que mais lhe interessa nessa busca de justificação da sua hipótese inicial (a fulcralidade da prosa de Bernardo Soares) por conta do caráter intervalar analítico e conseqüentemente se dispondo para o devir outro da heteronímia.

Nesse sentido, portanto, a hipótese explicativa de José Gil toma como base da criação heteronímica o poder transformador da emoção metafísica ou da atitude metafísica mais palpável em Soares, Campos, no ortônimo e até mesmo em Reis. A grande indagação seria Caeiro, a quem José Gil dedica um extenso capítulo. Partindo do pensamento caeiriano de que “*sentir positivamente é sentir com os sentidos e não sentir senão com eles*” (Idem. pag. 119), José Gil lança a pergunta: como é possível em tais condições escrever poesia ou mais precisamente como é possível enquanto poesia uma poesia como a de Caeiro? E de modo mais desafiante José Gil vai dizer: “*Dado que toda emoção poética se encontra contida nessa emoção abstrata que é a emoção metafísica, perguntar se Caeiro escreve ainda poesia é o mesmo que querer saber se ele faz poesia metafísica*” (Idem. pag. 120). A pergunta de José Gil decorre do que, a partir de Campos e Soares, ele entende por poesia metafísica aquela cuja base está como já o assinalara o autor na manutenção da distância entre os polos da sensação.

Ora a constatação mais forte que se fez sobre Caeiro é aquela mesma de Reis, citado pelo autor: “*o facto estupendo acerca de Caeiro é que produz poesia a partir deste sentimento, ou antes, ausência de sentimento*” (Idem. pag. 120), ausência que se percebe no momento em que , ao capturar a existência absolutamente real das coisas, Caeiro nega qualquer sentimento além dessa captura “pelos sentidos”. José Gil, admitindo a poesia em Caeiro, só poderia colocar em questão tal objetividade caeiriana que colocaria em xeque sua hipótese de partida. Daí ele formular que o discurso de negação da

subjetividade das emoções cumpre a função de “criar” o horizonte (recusado) no qual se destaca a (falsa) positividade, a (falsa) objetividade da sua filosofia dos sentidos. Assim, Caeiro faz nascer a aparência de uma ausência de metafísica da *“tensão entre um discurso positivo e um meta-discurso negativo”* (Idern. Pag. 121). Mas o cariz metafísico do seu discurso proviria claramente dessa “aparência” de ausência metafísica que nasce da transparência significativa de que se revestem os “nomes” que não significam senão o que significam. José Gil pergunta nesse instante: *“Mas, quando isolamos a coisa, determinando-a apenas pela sua pura existência sensível, não estaremos a praticar uma análise das sensações, que conduz naturalmente à poesia metafísica?”* (Idem.pag. 127). A resposta é inevitável: *“Caeiro é também um metafísico, um metafísico da transparência, um metafísico sem metafísica”* realizando *“a mais pura poesia metafísica e uma linguagem aparentemente no limite das possibilidades poéticas.”* (Idem. pag. 129). E ainda: *“despojados de sua subjetividade, tornada esta imediatamente objetiva, as sensações não precisam de se esculpir de encontro à consciência para fazerem nascer ‘uma forma’ ou uma ‘realidade abstrata’”*.(Idem. Pags..129/130).

O percurso traçado por José Gil nesse primeiro livro não é um percurso simples, não só porque a poesia de Pessoa também não o é, mas sobretudo porque o procedimento, digamos assim, heurístico, assumido pelo autor exige inúmeros exercícios de ajustes e aproximações para dar conta da questão maior que se lhe põe a explicação da heteronímia a partir dessa instância misteriosa que vem a ser o intervalo entre as polaridades da sensação e que se acha estreitamente ligada à emoção metafísica. Há inúmeras questões que se poderiam formular a esse percurso e é, sem dúvida, para dar conta de pelo menos parte delas que José Gil parece ter-se empenhado ao escrever seu segundo livro sobre Pessoa.

A impressão que se tem da leitura desse *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa* é que José Gil não apenas aprofunda questões levantadas no primeiro livro, mas chega mesmo a uma nítida atitude de correção tanto de constatações quanto de enfoque e de percurso de leitura. A avaliação desse trabalho tem de ser feita a partir da consideração desses pontos.

Insistindo ainda na problemática das sensações, José Gil, desta feita, concentra-se na análise do “ver”, a sensação por excelência em Caeiro, para quem ver as coisas como elas são é vê-las despojadas das significações com que a cultura e as civilizações as vestiram. São as significações que procedem a juntura entre as coisas pois em -si elas não se totalizam. No entanto, se como o autor afirmava no primeiro livro, a visão do múltiplo das coisas, se dá, por exemplo, em Bernardo Soares através dos estados intercalares, no caso de Caeiro não é isso que se passa. Com ele o procedimento da percepção das

coisas tem a ver com a sua antologia da diferença, isto é, na disponibilidade das coisas para singularidade, ou para sua inteligência. Nesse sentido, o ser é-se simplesmente e isto explica a univocidade ou transparência de todas as coisas em que Caeiro insiste como uma lição definitiva aos seus leitores.

A pergunta que José Gil formula nesse momento, corresponde, em parte, à mesma pergunta que, após a discussão da “metafísica da sensação” ou da “poesia metafísica” no livro anterior, o autor faz para a gênese heteronímica. Mas, só que no sentido inverso. Enquanto lá ele tomava como “parti-pris” uma atitude de base radicalmente metafísica, aqui é exatamente o oposto: o parti-pris é o da total objetividade caeiriana que, em princípio, não conseguiria responsabilizar-se pela derivação de tantos poetas doentes de plurivocidade e de opacidade do mundo. *“Da serenidade absoluta tão-trágica decorrem o desassossego e o trágico; como se da solução nascessem os problemas”* (José Gil. *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*. pag. 44).

O primeiro ponto que José Gil ressalta é que Caeiro nasce do devir-outro de um poeta, Fernando Pessoa, que se despersonaliza para dar lugar à sua criatura. Logo é Caeiro na sua origem já heterogênico. Consequentemente , a criação dos heterônimos não constitui o início de um processo mas o retomo a algo que anteriormente a Caeiro já os delineia. O caso do impacto de Caeiro sobre Fernando Pessoa-ortônimo parece ser exemplar. A composição de “Chuva Oblíqua” aponta, segundo uma perspicaz análise de José Gil para o fato de que a experiência da sensação que no mestre se faz como pura exterioridade, se torne no discípulo uma experiência em que cada sensação é uma outra e em que cada objeto é a si próprio e um outro, tudo como se a lição do Mestre se deslizesse para uma espécie de hiper-análise onde a diferença ontológica afirmada em Caeiro cedesse lugar a um distanciamento, uma transformação da diferença na negação. Assim, se se compara Caeiro aos seus discípulos percebe-se que a *“não separação do pensamento e das sensações ocorre (não como unidade) mas como osmose em escala microscópica”* (*Idem*. pag.73/74), diferenciando-se dos discípulos em que se acham separadas as sensações do pensamento. De um lado, essa separação pode gerar um desdobramento (como o Fernando Pessoa na “Ceifeira”); de outro, uma espécie de desdobramento para dentro. Nesse ponto da discussão, José Gil aponta um curioso fenômeno (e aqui está uma das decorrências importantes de sua análise): o de que a separação entre pensamento e sensações explica a espécie de dualização que se observa entre Bernardo Soares e Vasques, entre Álvaro de Campos e o Esteves, entre Fernando Pessoa e a Ceifeira. Essa dualização ou distanciamento entre esses polos tem nítida relação com a distância que o autor indicara quando, no primeiro livro, formulara os componentes básicos da emoção ou poesia metafísica. Os discípulos, nesse sentido, nascem (é possível dizer) do

“fracasso” da lição de Caeiro. Daí todos admitirem em sua constituição não apenas a transcendência, a que se opõe a imanência caeiriana, mas para além dela, a instância quase inapelável do mistério.

A complementaridade e a contraposição deste livro em relação à sua anterior incursão pessoana é inequívoca. Tudo se dá como se, no final do primeiro livro, ao verse diante da negação metafísica de Caeiro, o autor começasse a desconfiar da eficácia da trajetória heurística empreendida. De fato, se o sensacionismo enquanto atitude estética releva mais da obra do ortônimo, de Campos e de Bernardo Soares, e se desse último se depreende mais facilmente a questão da experiencialidade da sensação, depois da leitura deste elucidativo ensaio, não é possível sustentar aquela hipótese genética que o autor defendia anteriormente (lembremos, a centralidade de Bernardo Soares). Assim, parece-me que com a prudência de quem aceita a explicação sempre convincente de Pessoa sobre si próprio, José Gil se rende ao papel matricial com que na célebre carta a Adolfo Casais Monteiro, o poeta aponta Caeiro como o ponto de partida e não ponto zero da criação heteronímica. Toda a discussão deleuziana em tomo da diferença e da negação encontra nessa análise sobre Pessoa um poder esclarecedor enorme, sobretudo pela prudência com que ensaísta e filósofo José Gil a incorpora em suas reflexões.

Haqira Osakabe